

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. IV | N° 49 - DEZEMBRO 2024

INCONFESSÁVEIS



EDITORIAL

A Revista Conhecimento & Cidadania foi criada por uma família e amigos com o propósito de levar compreensão dos acontecimentos atuais e históricos ao maior número de pessoas possíveis. E exatamente por isso ela é totalmente gratuita e digital.

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

Produção e Designer

Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielly Jesus
Edson Araujo
Erika Figueiredo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Mauricio Motta

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

www.revistaconhecimentocidadania.com

 [Vaquinha online](#)

 Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania

 revistaconhecimentocidadania@gmail.com

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@revistaconhecimentocidadania](#)

 [@RevConhecimento](#)

 [@conhecimentocidadania](#)



Leandro Costa

EDITOR-CHEFE

Servidor público,
professor de Direito,
idealizador do projeto
Direito nas Escolas, autor
do livro: Direito nas
Escolas e Diretor na
Associação Brasileira de
Juristas Conservadores.

Revista Conhecimento &
Cidadania
Vol. III – N° 49
Dezembro de 2024
Rio de Janeiro – RJ
Menezes Costa
CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, professor de Direito, idealizador do projeto Direito nas Escolas, autor do livro: Direito nas Escolas e Diretor na Associação Brasileira de Juristas Conservadores

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

ERIKA FIGUEIREDO

Promotora de Justiça. Escritora, Professora/Palestrante. Colunas Tribuna Diária/Conservador Parahyba.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

Financiamento coletivo

Precisamos de você, leitor

Nosso esforço central é despertar as pessoas, com textos que estimulam a reflexão, aguçam a vontade de adquirir mais conhecimento e naturalmente enxergar a verdade.

Um mundo melhor é o que queremos, mas para que isso aconteça precisamos despertar, fazer a nossa parte, assim buscamos resgatar a cidadania através de conteúdo.

Sua doação permitirá:

- Adquirir um domínio para a Revista Conhecimento & Cidadania;
- Manter a plataforma do site;
- Manter a revista digital gratuita;
- Edições de vídeos mais profissionais;

[Clique aqui](https://www.vakinha.com.br/4961006) e faça sua doação e também ajude compartilhando o link: **<https://www.vakinha.com.br/4961006>**.

Caso não queira se cadastrar na plataforma da Vakinha online, doe qualquer valor para a Chave PIX: **28.814.886/0001-26**.

Agradecemos seu apoio,

Editorial

Mensagem de Natal



Que a lembrança do nascimento do nosso Senhor Jesus Cristo nos inspire.

Que a bondade de Deus nos proteja da corrupção da alma e que a fé nos dê força para enfrentar cada obstáculo em nossa trajetória.

Você pode não saber qual o motivo de sua existência, mas Deus não te deu a vida sem te dar um propósito maior.

Celebremos o aniversário daquele que morreu por nós e venceu a morte para que saibamos que nada para Deus é impossível e que nossa esperança nunca se apagará.

Renove as forças e siga sempre em frente, seja luz aos que estão perdidos e acredite, Deus te ama não importa o que aconteça.

Todos da Revista Conhecimento & Cidadania deseja a todos um Feliz Natal e um excelente 2025!

Leandro Costa
Editor-chefe

Inconfessáveis



No último filme da clássica trilogia O Poderoso Chefão (The Godfather), o protagonista, Michael Corleone, decide se confessar a um cardeal, embora tenha cometido diversos crimes, sua maior necessidade era pedir perdão pela morte de seu irmão Fredo, a que ordenou o assassinato, no filme anterior, após o falecimento da mãe de ambos. Michael sabia que não poderia fazê-lo enquanto sua mãe estivesse viva, contudo, tinha em mente que Fredo conspirou para sua morte e, por isso, considerava o fratricídio justificado e útil para mantê-lo no poder.

Assim como fizera com o cunhado, Carlo Russo, responsável pela morte de Sonny, primogênito dos pais de Michael, o líder da família considerava que eliminá-lo era necessário, logo, assim que a sua mãe falecera, tratou de dar cabo à vida de Fredo, entretanto, por mais que Michael contasse com uma considerável lista de vítimas, algumas delas resultado de sua ação direta, ao considerar que Fredo era sangue de seu sangue, filho de seus pais, o chefe família mafiosa mais poderosa naquela obra ficcional, tinha a consciência de que se tratava de um pecado com um peso maior.

Diante de um membro do clero que lhe inspirou confiança, posto que, o protagonista da trilogia percebeu naquele sacerdote alguém que, realmente, guardava a fé, Michael decidiu confessar-se, em especial, por ter mandado que Fredo fosse assassinado. A ideia passada, ao menos para os que compreendem o Sacramento da Confissão ou Penitência, é que o mafioso, apesar de um criminoso frio e violento, não suportava conviver com a culpa pelo fratricídio.

Leandro Costa

Para alguém acometido pelo relativismo moral, como é o caso dos revolucionários, é impossível compreender o significado da confissão, uma vez que, ao ser arregimentado entre as diversas hordas que marcham conforme o bumbo da elite revolucionária, far-se-á necessário renunciar à realidade, por isso, o mote mais usual entre tais grupos seja a falácia de que “a verdade é relativa”, sendo, portanto, condicionada pelo ponto de vista, logo, é preciso constatar que todo revolucionário é um relativista, posto que, buscando impor sua visão descolada da realidade, trata de, proposital, em se tratando dos líderes, ou por ignorância, quando nas camadas mais baixas, confundindo a realidade com o ponto de vista, tornando-se incapaz de assumir que espia os fatos pelo ângulo que melhor se adequar a sua intent.

Naquela máxima que um seis pode ser um nove, a depender do ângulo pelo qual observa, o relativista verá o número que lhe for mais conveniente, por isso, o apego às estatísticas que sirvam ao seu desejo, desprezando, despidoradamente, quaisquer outras que apontem algo que os contradigam. Para um revolucionário, a mentira será a alternativa ao arrependimento, transferindo a responsabilidade para outros indivíduos ou fatores fora de seu controle.

A confissão tem como elementos essenciais o reconhecimento da culpa e o arrependimento pela transgressão, por isso, aquele que a faz precisa assumir sua fraqueza, seu erro, e buscar o perdão, não por uma conveniência social, mas pelo real arrependimento diante do mal que causara. Para alguém que acredita serem a moral e a fé voláteis conforme sua “consciência”, não há necessidade em admitir um erro e buscar o perdão, exceto se isso tiver o fim específico, como evitar a rejeição ou as consequências de seus atos, como aquela figura que, flagrada desviando, vai a público expor, através de um discurso nitidamente artificial, uma espécie de arrependimento, quando, nitidamente, busca conciliar-se com aqueles aos quais acredita podem o prejudicar.

Na pele de Michael Corleone, um relativista simplesmente limitar-se-ia a culpar Fredo, que de fato conspirou para matar o irmão, evitando assim assumir a culpa ou suplicar pelo perdão do Cardeal. A degradação moral faz do arrependimento uma mera sinalização de virtude encenada, de maneira que a confissão, aos moldes do catolicismo, jamais faria sentido, pois, não goza do caráter publicitário de um pedido de desculpas em uma rede social.

Ao sacerdote é vedado expor aquilo que se diz no âmbito da confissão, uma proibição acolhida mesmo no ordenamento jurídico pátrio que, ao menos por enquanto, garante àquele que se confessa o sigilo daquilo que é falado quando da confissão e protege o sacerdote contra arroubos autoritário que tentem o dissuadir a revelar algo que tomara ciência na qualidade de confessor. Permitir que qualquer que seja a autoridade tenha meios para constranger o sacerdote a expor o teor de uma confissão feriria de morte o sacramento, haja vista que, abalaria a relação de confiança entre o fiel e a Igreja, por isso, não se

Leandro Costa

pode descartar que, sob a alegação do Estado laico, relegue-se a um status de insignificância os sacramentos, retirando tal proteção no âmbito do Direito pátrio.

Imperiosos lembrar o sigilo também se aplica a profissionais como advogados e psicólogos, todavia, em que pese não sejam alcançados pelo argumento da laicidade estatal, podemos imaginar que um relativista poderia suprimir prerrogativas de advogados quanto ao sigilo, uma vez que, admitem outras tantas violações à categoria, bem como, aos psicólogos em nome da defesa de um “bem maior”, como no caso de perseguição dos profissionais que defendiam aquilo que apelidaram de “cura gay”, e, por final, temos os médicos, que foram abertamente perseguidos por se oporem às medidas translocadas durante o episódio de experimento coletivo da pandemia recente, além daqueles que defenderam o chamado tratamento precoce ou alertaram para o risco irrestrito da tecnologia experimental denominada Terapia Gênica.

Na prática, em se tratando de relativistas, figuras que lutam até mesmo contra a natureza, todo tipo de loucura pode ser o próximo passo, entretanto, considerando que violações das mais diversas são, na mente revolucionária, justificadas em busca do poder, esperar que destruam um sacramento em nome de sua doentia busca pela utopia é o mínimo que podemos fazer. Ao menos no ocidente, proteger a confissão, bem como, os profissionais supracitados, faz parte da confiança entre aquele que confessa e o que tem o dever de não divulgar aquilo conheceu em razão de seu ofício.

O sacramento da confissão deve ser protegido e, aquilo que os revolucionários chamam de Estado laico é, na verdade, um Estado que busca destruir a religião basilar da sociedade ocidental, portanto, o cristianismo, com um foco especial no catolicismo. Por isso, qualquer declaração de ódio em relação aos cristãos é solenemente ignorada por autoridades que fingem que só algumas religiões podem ser protegidas, com o mesmo pretexto fajuto de quem busca, incessantemente, criminalizar o racismo de forma unilateral, tão somente para atizar conflitos raciais e a ideia de que um determinado secto merece privilégios em troca de sua total vassalagem aos poderosos.

Se, por um lado, o revolucionário despreza a Igreja Católica, jurando destruí-la ou se infiltrando para corroê-la, por outro, é incapaz de reconhecer a importância da confissão como autoexame da própria natureza falha do homem e, por conseguinte, a busca pelo perdão e fortalecimento através da penitência, aprendendo com os erros para tornar-se um indivíduo cada vez mais virtuoso.

Despido de honradez e humildade, o relativista acredita que sempre poderá se furtar das consequências de suas ações, por mais nefastas que sejam. Não há como esperar que indivíduos que pregam abertamente a destruição de todos que se colocam como obstáculo ao seu desejo totalitário faça uma honesta análise de consciência, algo que aparentemente não possui, para assumir que errou e busque o sincero arrependimento.

Leandro Costa

Um líder socialista jamais importar-se-á com terceiros, podendo exterminar quantas vidas forem necessárias para obter aquilo que almeja, entretanto, uma vez pressionado, poderá simular arrependimento ou, como na maioria dos casos, transferir a responsabilidade a terceiros. Como fizeram com o nacional-socialismo alemão e o fascismo, que, por mais que todos os elementos os enquadrassem no espectro coletivista, foram rapidamente transferidos à vertente política oposta, sendo tratado como forças ligadas ao liberalismo e ao conservadorismo, apenas para que sua má fama fosse transferida, de forma injustificada, àquilo que é conhecido no campo político como direita.

Posteriormente, a ditadura chavista que consome a Venezuela foi igualmente adjetivada como sendo do espectro da direita, o que só não foi um movimento exitoso em razão da descentralização da informação propiciada pela internet, algo que os relativistas lutam para destruir, bem como, a cultura “woke” foi tratada em um artigo isolado, mas que serve de ensaio para propostas futuras, como algo embrionado na direita, uma narrativa rapidamente derrubada por, mais uma vez, mérito da informação descentralizada. É praticamente impossível imaginar quantas atrocidades os revolucionários encobriram antes do advento da internet, lembrando que, tais figuras abjetas negam o Holodomor com todas as forças.

A negação tem duas razões em especial e a primeira, como podemos facilmente imaginar, é a ausência de arrependimento por parte daqueles que consideram a moral como relativa e a segunda, a incapacidade de assumir seus erros e enfrentar as consequências deles, buscando, para se eximir das responsabilidades, negar ou omitir suas falhas ou torpeza, o que, de fato, é inútil, dado que a realidade, cedo ou tarde, baterá à porta.

Quando confrontado pela verdade, restará ao revolucionário o suicídio, a negação ou o sacrifício da parte que considere menos essencial, entretanto, nunca confessará seus crimes, pois o arrependimento não é uma qualidade do psicopata ou daqueles que o seguem, por isso, a moral do relativista é nula, haja vista que, precisa conduzir seus seguidores ao abismo se necessário ou, quando nas camadas inferiores, jurar vassalagem doentia em troca de migalhas.

Um membro do Tribunal do Povo Alemão ou oficial de alta patente da Schutzstaffel poderia seguir o destino do Führer, insistir que fizeram um bem a humanidade em sua busca pela raça ariana ou, simplesmente, apontar parte do grupo como um “boi de piranha”, que se sacrifica pelos demais, para se furtar das consequências de seus atos, porém, não confessariam seus crimes atrozes salvo se isso fosse o meio ofertado para escapar de uma punição mais grave. Não se pode esperar menos de todos os líderes tiranos que hoje ocupam posições de poder, mas temem, um dia, serem confrontados e responsabilizados pelos males que causam.

O exemplo da ditadura venezuelana, que insiste em se manter apesar da flagrante derrota no processo eleitoral, uma vez que lá é possível auditar os votos individualmente, evidencia que o

Leandro Costa

revolucionário se apega ao poder, justamente, para não enfrentar as consequências de suas ações, negando abertamente sua perda de legitimidade, se é que em algum momento foi legítimo, para garantir sua impunidade. Maduro, sabendo ser um tirano fora de controle, se mantém no poder pela força para não ser responsabilizado pelos males que causara, esperando morrer na cadeira do Miraflores, como seu antecessor, Hugo Chavez, fizera.

Por não acreditar em algo maior, uma justiça divina ou o dever de fazer algo pelo próximo, Maduro almeja o destino de déspotas que morreram no poder, como Lenin, Stalin, Mao, Fidel e outros tantos seres que jamais se confessariam, por serem orgulhosos demais para submeterem-se a Deus. Adolf Hitler preferiu o suicídio diante da condenação e, no Brasil, temos o exemplo de Getúlio Vargas, que também preferiu a condenação eterna daquele que não se arrepende, alegando que deixava a vida para entrar para a história, quando na verdade, tentava encobrir sua natureza pútrida com um ato que imitava o martírio.

Igualmente, os revolucionários que hoje ocupam tronos dos mais diversos, como o próprio Maduro e o ditador nicaraguense Ortega, insistem em negar sua culpa, posto que, nada mais são do que líderes desprovidos de consciência, dispostos a solapar qualquer um que os desafiem ou, simplesmente, os incomodem.

No recente episódio de arroubos totalitários durante a pandemia sanitária, diversos exemplos de abusos poderiam ser citados, entretanto, seus artífices buscam, de todos os meios, evitar a responsabilização pelos males que causaram, não confessando que aplicaram medidas descabidas, como soldar portas de empreendimentos comerciais, lacrar gondolas de supermercado e até toques de recolher, sem quaisquer justificativas, posto que, restará nítido o dever de reparar os prejuízos que causaram. Houve ainda aqueles que lutaram contra o chamado tratamento precoce, perseguindo qualquer um que ousasse pregar em defesa de tais medicamentos, mesmo em se tratando de profissionais da saúde, todavia, negam abertamente qualquer responsabilidade.

“O choro é livre”, tornou-se um “fique em casa se puder”, sem o menor pudor e a mídia, que fazia contagem de mortos e coordenava notícias em um verdadeiro cartel, o qual apelidou como consórcio de imprensa, como de costume, lavou as mãos em relação aos seus feitos e não assume o mal que causara, algo que também se aplica as chamadas “bigtechs”, como os grupos Meta e Google, que, abertamente, atuaram no sentido de suprimir ou reduzir o alcance de qualquer voz dissonante daquela orquestrada cartel de imprensa internacional.

Em alguns países, os de maior tradição democrática, já estão em curso processos e investigações que visam responsabilizar aqueles que, de alguma forma, agiram de má-fé no período, entretanto, os povos sob o comando de déspotas totalitários ainda sofrem calados as ações dos mesmos tiranos daquela época,

Leandro Costa

em alguns casos, ainda se exige a administração compulsória da terapia gênica para crianças, tão somente para manter a narrativa de que tal experimento era ou é necessário. O intuito central daqueles que insistem em um experimento que se mostrou desastroso, seja pelos diversos casos de efeitos colaterais devastadores ou pela necessidade em doses subsequentes não previstas, parece ser, não a busca pela imunização, mas a preservação das autoridades que insistem em não confessar as atrocidades que conscientemente, ou não, colocaram em prática.

Outra forma de não confessar suas ações é a judicialização da política, em que grupos menores passam a governar em uma espécie de sociedade com o Poder Judiciário, que por não se colocar ao escrutínio do povo, não sofre consequências de suas decisões, ao menos diretamente, podendo assim, tocar os rumos da política ao seu bel prazer sem que sofra um revés nas urnas. Usando de uma hermenêutica ilimitada, o Poder Judiciário pode ser invocado a assumir qualquer face do Estado, pois, se atuar despudoradamente, poderá se imiscuir em quaisquer assuntos alegando ser em nome de um bem maior. Ainda mais grave seria, em raros casos de hipertrofia do Judiciário, tal poder atuar mesmo sem a provocação de interessados, dando início de ofício a feitos com consequências, que solapam os demais poderes e que jamais serão postos no confessionário, pois em alguns ambientes, como tribunais e redações de jornais, parece que o arrependimento não é algo natural.

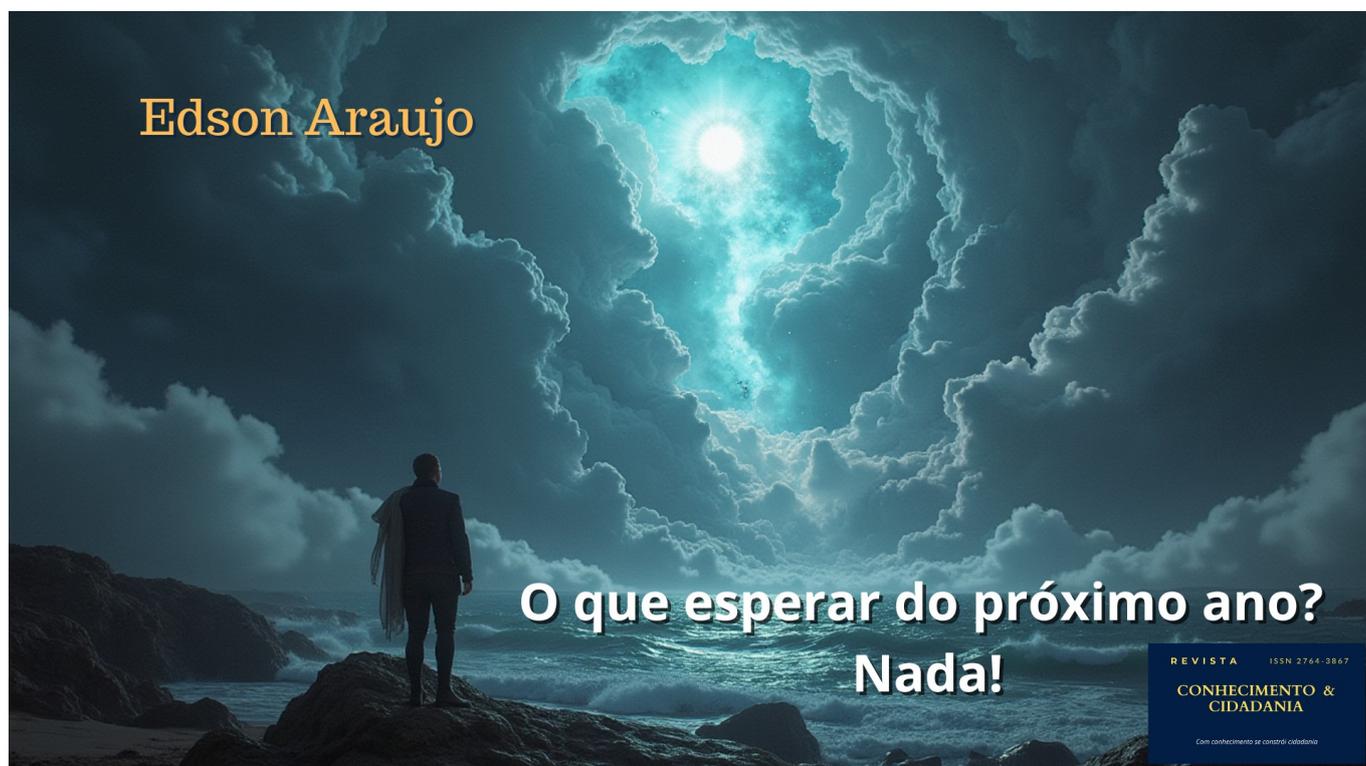
Há sim os seres que adulam tiranos, que, mesmo nos dias atuais, não se importam em servir como cães farejadores de poderosos totalitários, se rebaixando de maneira desprezível em troca de migalhas, tais criaturas são ainda mais miseráveis que seus senhores e negaram seus atos quando confrontados, por isso, tentarão omitir seus crimes, confessando-os tão somente se exposto e, ainda assim, o farão apenas em busca do perdão terreno, não se arrependendo verdadeiramente. Os vassallos do mal serão vermes mesmo no inferno.

Aos líderes revolucionários, resta uma luta infrutífera contra a realidade buscando apenas se encastelar como forma de proteção, não contra seus inimigos, mas em relação às consequências de seus próprios atos, pois seus crimes são inconfessáveis.

“Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (São João 20:23).

O que esperar do próximo ano?

Nada!



É muito comum que as pessoas em um período de final do ano, perguntem umas às outras: O que esperar do próximo ano? A pergunta revela exatamente o comportamento que terão no próximo ciclo de oportunidades, exatamente, oportunidades!

Por quê sim, cada ciclo é na verdade a chegada de uma nova oportunidade, e saber disso faz toda a diferença em relação a mentalidade que teremos no que muitos chamam “apenas mais um ano”

Uma ideia principal nesse texto é despertar uma consciência de autogestão, o que com certeza fará com que o novo período seja de atitude e não de espera. Um exemplo disso foi o surgimento desta [revista](#) em que com muita honra escrevo.

Ante a um comportamento passivo em que muitos apenas reclamavam da falta de um espaço onde um conteúdo de cunho conservador fosse encontrado.

Nosso [editor-chefe](#) e sua equipe, decidiram então abrir este espaço, que diga-se de passagem tem sido uma pequena, mas importante fagulha para incendiar os corações dos que conosco, compartilham dos valores conservadores.

Entendemos que quando encontramos uma deficiência, carência ou debilidade, seja em pessoas ou instituições, é hora de termos uma atitude em direção a resolução do problema.

Edson Araujo

Então, o ideal não é que esperemos algo do próximo ano, e sim, que tenhamos o protagonismo necessário, e que se não for em nossa sociedade, seja ao menos em nossas próprias vidas.

Na missão de sermos portadores de valores que dão vida a uma sociedade mais justa e fraterna, sejamos como o sol, que ainda que em dias nublados, com chuva ou até uma tempestade, ele está lá, acima das circunstâncias esperando uma oportunidade para se manifestar.

Com certeza ele não forçará a barra para que a tempestade se disperse, mas aguardará calmamente o momento de oferecer todo o seu conteúdo que, embora as pessoas estejam focadas na tempestade, têm nele tudo o que é fundamental para que a vida siga em seu rumo.

Outra ideia principal no texto é que, se esperamos algo, teremos que receber o que vier; quanto a isso não temos controle, portanto seremos como vítimas de uma força maior que nos dará, o que vier... Enquanto poderíamos fazer com que todo esse poder agisse em nosso favor.

Por exemplo: A oportunidade é uma força muito poderosa, mas que se não for devidamente observada poderá nos arruinar (se por exemplo, deixarmos passar uma oportunidade da cura de uma doença).

Neste sentido, um novo ano é um ano cheio de oportunidades.

Em vias de conclusão, quero apresentar a terceira e última ideia: Venha o que vier, poderosa e naturalmente, se soubermos nos posicionar colheremos os frutos que se não forem colhidos podem até virar o motivo de um acidente, e tudo porque ao invés de termos uma atitude positiva ante ao que a natureza nos deu, ficamos esperando que o fruto viesse a nossa mão, como quando cai ao chão.

Vai aqui neste texto um pouco de mitologia: As grandes tradições do passado sempre comemoravam o ano novo por entenderem a chance de grandes oportunidades que viriam e entendiam que como na ação de uma lei imutável, a natureza durante a primavera daria a eles, as flores, vindo após as flores, os frutos que seriam no verão, ou seja, eles sabiam que colheriam no verão, no próximo ano, no próximo ciclo, tudo que plantaram durante a primavera; portanto saibamos que conscientes ou não, colheremos no verão os frutos das flores que nos deu a natureza, durante a primavera.

Sendo assim, com esta lição, ficar a mensagem de que para o próximo ano tenhamos a consciência de termos atitudes mais positivas, mais inteligentes, mais bem colocadas diante das grandes oportunidades que nos virão, sabendo que hoje estamos colhendo aquilo que outrora plantamos. Portanto, se queremos um futuro melhor, que comecemos agora a construção desse futuro.

Por isso no título desse texto coloco que é melhor não esperar nada do próximo ano e sim que oferecemos ao próximo ano as nossas atitudes, os nossos sacrifícios, os nossos esforços para que este ano se torne diante das nossas ações, diante do nosso trabalho, diante do nosso foco, diante da nossa

Edson Araujo

inteligência um ano melhor, pois se não fizermos alguém fará e colheremos os frutos que outros plantaram sem sabermos sequer o caráter e a intenção desses outros.

Convido a todos então, que pensemos que, reflitamos sobre quais ações iremos empregar no próximo ano para que não recebamos o que vier, mas sim, o resultado, o fruto! Como uma reação das nossas ações para que tenhamos um ano, com o que comemorar de fato.

Lembremos que o que quer que tenha acontecido durante este ano de 2024, foi fruto de ações muitas empregadas e outras desprezadas, mas foram frutos de ações!!

Se não estamos satisfeitos, substituamos então as ações das quais não nos favorece, por ações que favoreceram não só a nós próprios mas, também a toda a sociedade.

Um feliz novo ciclo de oportunidades a todos nós!

Isso em todos os aspectos das nossas vidas, nos campos, político, social, familiar, profissional, enfim, empreguemos nossas melhores ações, fazendo delas uma mensagem clara e concreta ao nosso criador, e acredite: Ele nos ouvirá!

Deixo para reflexão um texto da bíblia sagrada.

"Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar e orar, buscar a minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra" (II Crônicas 7:14)

Que Deus abençoe nossa jornada!!!

[Inscreva-se no canal](#)



Europa e a guerra

Na última semana, Finlândia, Suécia e Noruega distribuíram panfletos, a respeito de como estocar mantimentos e criar abrigos antibombas em casa, prevenindo a população acerca de uma provável ramificação da guerra da Rússia com a Ucrânia para países fronteiriços.

Até o meio desse ano, meu filho Felipe fazia intercâmbio na Dinamarca, e a garagem da casa em que vivia já havia se transformado em um depósito de alimentos não perecíveis, água e papel higiênico, para quando a guerra chegasse.

A Europa inteira acompanha com apreensão as últimas declarações do Presidente Vladimir Putin, dos Estados Unidos e da trinca Inglaterra, França e Alemanha, a fim de buscar a evitação da escalada do conflito e uma solução pacífica. Joe Biden, no apagar das luzes de sua Presidência, deixou uma bomba para seu sucessor, Donald Trump, desarmar, permitindo que a Ucrânia utilize mísseis de fabricação e manuseio americanos, contra a Rússia.

Putin já se manifestou publicamente, declarando que sente-se legitimado a avançar contra as potências que forneceram mísseis de longo alcance e minas à Ucrânia, de fabricação própria, para que sejam usados contra o oponente. As embaixadas de vários países em Kiev foram evacuadas, por receio de ataques.

A verdade é que as nações armam a Ucrânia, por não quererem, elas mesmas, deflagrar uma guerra contra a Rússia, que culminaria em um conflito de proporções mundiais. Todos têm receio do poder nuclear

Erika Figueiredo

russo e da impetuosidade de seu Presidente. Assim, vão dando plenos poderes a Volodymyr Zelenski, pois seus dirigentes não querem conviver com o carimbo eterno de que deram causa à 3ª Guerra Mundial.

O cenário global da atualidade é muito similar ao que antecedeu a 1ª Guerra Mundial. Há as mesmas tensões entre potências, disputas por territórios e recursos naturais, corrida armamentística, dificuldade de entendimento conjunto e criação de pactos paralelos entre potências, como Rússia, China e Coreia do Norte, bloco totalmente alinhado com o comunismo.

Por outro lado, a ONU e as demais organizações mundiais como a OTAN, naufragam em águas profundas, totalmente inábeis para mediar as disputas de interesses e os conflitos existentes. Essa semana, em mais uma decisão isolada e polêmica, que já foi alvo de críticas e descumprimento por diversos países, o TPI – Tribunal Penal Internacional sediado em Haia, expediu mandados de prisão contra Benjamin Netanyahu e o ex-ministro da defesa de Israel, ao mesmo tempo que expedia o mesmo tipo de mandado contra o dirigente do Hamas, colocando os três na mesma régua de medição (se é que isso seria possível ou aceitável), pela prática de crime de genocídio, em outra guerra imensamente perigosa e desafiadora, que se desenrola no Oriente Médio.

Com o Irã e sua capacidade nuclear à espreita, patrocinando o Hamas e o Hezbollah, que sequestraram 240 judeus há mais de um ano, em território israelense e mataram outros 1400, em um ataque surpresa, efetuado em outubro de 2023, jovens desmiolados gritam “Free Palestine” e apoio ao islã por aí, mal imaginando que o que estão defendendo é a propagação do terror, torturas, mutilações, restrições sociais e proibições de todo tipo, assassinato de homossexuais e mulheres, patrocínio de grupos armados terroristas e o fim do mundo ocidental, como o conhecemos. A última barreira, no Oriente Médio, para que o islamismo avance sobre o Ocidente, é Israel.

E o mundo caminha a passos largos para a culminância desta situação, sem que se saiba ao certo o que irá acontecer, deixando para a Europa responder a mesma questão que pairou sobre esse continente, nas duas grandes guerras do século XX: como sobreviverão a esse conflito, se não são capazes de prover a própria subsistência, sendo eternamente reféns de importações de outros países, de todo tipo de bem e mercadoria consumido dentro da comunidade europeia.

A História é cíclica e se repete. A Humanidade não aprendeu muita coisa, com as guerras do século XX e seus milhões de mortos e mutilados, em meio a pobreza, fome e desespero. Hoje, a capacidade nuclear de inúmeros países é imensa. Foi muito custoso, após a Guerra Fria, trazer a paz de volta. Mas tempos fáceis geram homens fracos, que criam tempos difíceis novamente. O futuro dirá.

Qual a sua missão?

Aprendendo com Jonas, o profeta fujão



A Bíblia relata a história de um profeta teimoso, um profeta que não queria fazer o correto, aquilo que Deus mandou fazer; esse é o profeta Jonas.

“Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim. Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor, para Târsis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Târsis; pagou, pois, a sua passagem e embarcou nele, para ir com eles para Târsis, para longe da presença do Senhor.

Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar.

Então, os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus e lançavam ao mar a carga que estava no navio, para o aliviarem do peso dela. Jonas, porém, havia descido ao porão e se deitado; e dormia profundamente.

Chegou-se a ele o mestre do navio e lhe disse: Que se passa contigo? Agarrado no sono? Levanta-te, invoca o teu deus; talvez, assim, esse deus se lembre de nós, para que não pereçamos. E diziam uns aos outros: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas.

Danielly Jesus

Então, lhe disseram: Declara-nos, agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Onde vens? Qual a tua terra? E de que povo és tu?

Ele lhes respondeu: Sou hebreu e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra. Então, os homens ficaram possuídos de grande temor e lhe disseram: Que é isto que fizeste! Pois sabiam os homens que ele fugia da presença do Senhor, porque lho havia declarado.

Disseram-lhe: Que te faremos, para que o mar se nos acalme? Porque o mar se ia tornando cada vez mais tempestuoso.

Respondeu-lhes: Tomai-me e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará, porque eu sei que, por minha causa, vos sobreveio esta grande tempestade.” (Jonas 1.1-12)

Muitos cristãos já se depararam alguma vez na vida com esse texto, mas hoje o faremos de forma aprofundada; meu objetivo ao escrever o presente artigo é trazer o leitor a uma reflexão profunda sobre seu chamado diante de Deus e que não adianta fugir, Ele nos encontra (nem que seja no ventre da baleia).

Quem não se aprofunda no texto chega ao ponto de julgar o profeta: “Ah, é um homem desobediente, quis fugir”; do que exatamente Jonas estava fugindo?

Ele foi chamado para pregar em Nínive; hoje, Nínive é Mossul, cidade iraquiana; Mossul esteve sob o domínio do grupo terrorista autointitulado *Estado Islâmico (EI)*, que a ocupou em Junho de 2014 e a declarou sua capital em solo iraquiano. Em meados de outubro de 2016, o governo iraquiano (apoiado pelos curdos e por uma coalizão internacional) lançou uma grande ofensiva militar para retomar o controle de Mossul e das regiões vizinhas. A cidade foi reconquistada pelas forças iraquianas em 10 de julho de 2017.

O espírito radical do Estado Islâmico não se deu apenas neste período, mas vinha de muito tempo atrás; Senaqueribe, rei da Assíria, o mesmo que enviou uma carta de afronta ao rei Ezequias (2 Crônicas 32.1-23), tornou Nínive uma cidade imponente; em esculturas em pedra nas paredes de seu palácio ele fazia questão de exibir suas vitórias e como subjugava os povos inimigos: cenas de batalhas, empalamentos e cenas dos homens de Senaqueribe desfilando os despojos de guerra diante dele.

Agora se tem uma ideia de porquê Jonas fugiu: ele não possuía o menor apreço por aquele povo; os ninivitas eram cruéis, ímpios. Para Jonas, não mereciam perdão. E a raiva do profeta não parava por aí: Jonas sabia que, ao pregar, aquele povo poderia se arrepender e ser salvo!

E mais um agravante para o leitor entender Jonas: das doze tribos de Israel, ele pertencia à tribo de Zebulom. Em toda a história do povo hebreu, Zebulom era a “*tropa de Elite*”, uma espécie de Bope, que sempre pegavam em armas para defender sua nação. Ou seja, Jonas quis fugir para não ter que matar alguém.

Danielly Jesus

Tudo isso fez com ele fugisse (que iludido!) da presença de Deus três mil quilômetros. Jonas embarcou em um navio saindo de Jope (que ficava em Samaria) em direção a Târsis. Esta era uma cidade portuária localizada no sul da Espanha; era considerada a viagem marítima mais longa.

A imagem abaixo mostra a distância de Jope para Târsis



É possível que o leitor, ao chegar até aqui, se pergunte: “Mas então, por que Deus chamou justamente Jonas para esta missão tão difícil?” É porque ele era o que chamamos popularmente de “casca grossa”; Deus sabia que Jonas aguentaria.

E não é isso que fazemos hoje? Para não cumprir o chamado de Deus em nossa vida como um todo, tratamos de fugir! Fugimos da profissão, do casamento, da paternidade, da responsabilidade, da instrução, da vida regrada, da disciplina e de tantas outras coisas. Agimos como se Deus não soubesse o que está fazendo! Chega a ser um pecado, pois estamos, com nossas atitudes, dizendo “*Eu sei mais que o Senhor*”. E é nessa que vem a tempestade e a baleia nos engole.

Por que Deus impediu Jonas? Ele não poderia chamar outro que cumprisse a missão? Até poderia. Mas existem situações que temos que confrontar, e enquanto não passarmos por isso, não seremos curados em nossas emoções e nem seremos realizados, pois a alegria verdadeira vem quando cumprimos nossa missão. Era Deus salvando Jonas dele mesmo!

Imagine ser engolido por uma baleia! Deve ser bem nojento, não é mesmo? Mas era a única maneira de Jonas ser interrompido na sua fuga e ser colocado, literalmente, em um “*cantinho do pensamento*”, de onde não poderia sair. Nas trevas, no escuro, na impossibilidade, Jonas teve que refletir sobre o que seria menos custoso: cumprir a missão ou fugir dela.

Nesta última edição do ano da Revista quero desafiar o leitor a fazer uma autoanálise: “Será que tudo o que vivi em 2024 foi uma tentativa desesperada de fugir daquilo que Deus me chamou para fazer? Será que não foi Deus que fechou as portas para que eu possa me emendar?”

Quando a tempestade veio, os marinheiros perguntaram a Jonas: “Que ocupação é a tua?”; em outras traduções está “Qual é a tua missão?”. Ou seja: qual o teu chamado? Do que você está fugindo?

Danielly Jesus

Lembre-se: você não nasceu para fugir, não adianta comprar o ticket mais caro para sair disso, sua missão é insubstituível, só há felicidade cumprindo a missão que Deus deu mesmo que seja difícil. Aquele que escolheu é contigo e conhece a sua capacidade. Não fuja, enfrente!

Feliz 2025!

www.revistaconhecimentoecidadania.com/blog



Um general sob custódio



No último dia 14 de dezembro, não fomos tomados de surpresa ao saber da prisão do general da reserva Walter de Souza Braga Netto. General de quatro estrelas, ex-secretário nacional de Relações Institucionais do Partido Liberal, ex-interventor federal na segurança pública do Rio de Janeiro, ex-ministro da Casa Civil, ex-ministro da Defesa no governo Bolsonaro e ex-candidato a vice-presidente na chapa de Bolsonaro. Infelizmente, poucas coisas têm nos causado espanto nos últimos tempos.

O que teria motivado a prisão? Supostamente, Braga Netto teria sido um dos mentores da tentativa de golpe no fatídico dia 8 de janeiro de 2023, em Brasília. Dessa forma, o militar da reserva — que não comandava nenhuma tropa — seria considerado o mentor intelectual de um golpe que, na prática, não aconteceu por vários motivos. O principal beneficiado com o sucesso da “intentona” — Bolsonaro — não queria que ela se concretizasse, conforme depoimentos tomados pela Polícia Federal. Além disso, os participantes do movimento não teriam conseguido táxis para se deslocar em Brasília. Grande parte da multidão que se aglomerava diante dos prédios públicos e poderia ser usada como “massa de manobra” para o golpe entrou, de boa-fé, em ônibus “convidados” pelos próprios militares (a serviço do governo), sendo presa em seguida. Do ponto do Estado, Braga Netto foi preso por planejar atos preparatórios de uma revolta que atentava contra o Estado democrático de direito. Não queremos entrar nos méritos da

Mauricio Motta

questão, discutindo se a prisão foi moral ou legalmente correta, deixemos essa tarefa espinhosa para o Brasil do porvir.

Como lemos nas mídias sociais, nunca na história do Brasil um general de quatro estrelas havia sido preso. Mas será que nunca um militar de patente tão elevada foi preso nesta República tropical? Não foi um general, mas um almirante com um histórico glorioso de serviço ao Brasil, que também foi preso. Quem? O almirante Custódio de Mello. Por quê? Por participar de uma revolta que atentava contra o Estado democrático de direito. Teremos aqui um precedente histórico? Será?

Custódio José de Mello nasceu em Salvador, Bahia, em 9 de dezembro de 1840. Filho de João Custódio de Mello e Rita de Mello, assentou praça de aspirante a guarda-marinha em 01 de março de 1856. Desde jovem, demonstrou uma grande aptidão para a carreira naval, destacando-se nos estudos e em várias missões atribuídas a ele.

Durante sua carreira, Custódio de Mello participou de importantes missões navais, sendo promovido rapidamente por seus méritos. Em 1858, foi nomeado guarda-marinha e, já como primeiro-tenente, teve um papel ativo na Guerra do Paraguai (1864-1870), destacando-se em várias batalhas navais. Suas atuações lhe trouxeram reconhecimento e promoções, chegando ao posto de capitão-de-fragata em 1874.

Após a Proclamação da República e com a renúncia do marechal Deodoro da Fonseca, Custódio de Mello foi nomeado Ministro da Marinha em 23 de novembro de 1891, no primeiro dia de governo de Floriano Peixoto. Implementou diversas reformas e modernizações na Marinha, alinhando-a aos padrões internacionais da época.

Ele é mais lembrado por sua participação nas Revoltas da Armada, duas rebeliões navais nos primeiros anos da República. Custódio de Mello, promovido a contra-almirante no governo de Deodoro da Fonseca, sendo inicialmente defensor do governo, acabou apoiando os revoltosos e participou da primeira rebelião.

As raízes da primeira Revolta da Armada podem ser traçadas até novembro de 1891, quando o marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do Brasil, fechou o Congresso Nacional após falhar em negociar com as bancadas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, estados produtores de café. Liderados pelo contra-almirante Custódio de Mello, unidades da Marinha se sublevaram e ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. Deodoro renunciou em 23 de novembro de 1891, e o vice-presidente Floriano Peixoto assumiu a presidência, mas não convocou eleições presidenciais, como previa a Constituição, sendo acusado de ocupar ilegalmente a presidência. Assim, Custódio de Mello se rebelou junto a seus pares para defender o Estado democrático de direito.

Mauricio Motta

Em 1892, um grupo de 13 oficiais-generais divulgou um manifesto exigindo a convocação de eleições. O presidente Floriano Peixoto declarou estado de sítio e ordenou que os líderes fossem presos. Em 6 de setembro de 1893, Custódio de Mello liderou outra rebelião, iniciando a primeira Revolta da Armada na Baía de Guanabara. A revolta incluiu combates intensos, como o bombardeio de fortes fluminenses e confrontos em Niterói e na Ilha do Governador.

Em dezembro de 1893, Custódio de Mello tentou unir-se aos federalistas no sul do país, mas enfrentou derrotas significativas. A Fortaleza de São José foi destruída, e os rebeldes, com pouca munição e víveres, foram derrotados. A capital do estado do Rio de Janeiro foi transferida para Petrópolis devido aos bombardeios.

O governo federal adquiriu navios de guerra para enfrentar os rebeldes, e com o apoio do Exército e do Partido Republicano Paulista, a Revolta da Armada foi sufocada em março de 1894. Os rebeldes se refugiaram em navios portugueses, terminando a revolta.

A Revolução Federalista continuou no sul, onde Custódio de Mello se uniu a Gumercindo Saraiva. Eles tomaram a cidade da Lapa, mas as tropas do governo continuaram a avançar. Em 16 de abril de 1894, o encouraçado Aquidabã foi torpedeado. Custódio de Mello tentou desembarcar em Rio Grande, mas foi derrotado, refugiando-se na Argentina.

Como sabemos, quando se pretende analisar os eventos históricos, nada melhor que consultar as fontes primárias, ou seja, ler a narração em primeira mão, diretamente da pena daqueles que dela participaram. Pois vamos ler o que Custódio de Melo tinha a dizer sobre a revolta que ele liderava. O texto segue em sua redação original:

“No manifesto que dirigi á Nação allego a conducta inconstitucional do Sr. Vice-presidente da Republica e a sua política anti-patriotica e sanguinária nos Estados, principalmente no Rio Grande do Sul. Todos os navios e as forças navaes d’este porto se collocaram ao lado da Constituição, que defendo. A única fracção d’essas forças que hesitara, a fortaleza de Vilegaignon acaba de communicar-me que tomou a resolução de não hostilizar-me e de assim o haver declarado no quartel-general da armada.

Toda a população da Capital Federal é favorável á nossa causa, que é a causa nacional. A propria guarnição de terra, que por espirito de classe, parece apoiar o Sr. Vice-presidente, está tacitamente dividida, e só quem não tem um conhecimento exacto do espirito tambem de classe dominante na marinha nacional e de patrióticas tradições, poderá duvidar de sua idealidade de conducta em face da Constituição violada. A vossa resolução de imitar a nobre e patriótica resolução da fortaleza de Villegaignon tirarão do Sr. Vice-presidente da Republica o ultimo pretexto para continuar a manter-se ilegalmente no governo da Nação.

Mauricio Motta

Nestas condições, eu resolvi convidar-vos a vos pronunciardes entre a Constituição e o seu violador, entre a continuidade do derramamento de sangue de irmãos e a pacificação da família brasileira, reiterando aqui a declaração que fiz no meu manifesto de que não quero o poder. Aguardo até hoje à tarde a vossa resolução para servir-me de governo". (Custódio José de Mello, Gazeta de Notícias – 8 de setembro de 1893).

A Revolta da Armada terminou com a morte de Saldanha da Gama em junho de 1895. Floriano Peixoto governou até novembro de 1894, sendo sucedido por Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil do Brasil.

O Decreto nº 310, de outubro de 1895, anistiou os envolvidos nos movimentos revolucionários, permitindo o retorno de Custódio de Mello ao Brasil. Ele chegou ao Rio de Janeiro em novembro de 1895. Todavia, essa não era ainda a solução definitiva para os problemas de Custódio de Mello. Durante o governo de Campos Salles, o contra-almirante foi designado para assumir uma comissão militar no estado do Amazonas. Essa ordem, vinda do chefe das Forças Armadas, não poderia ser desobedecida. No entanto, não eram esses os planos de Custódio. Com sua recusa, a prisão foi decretada, e ele foi conduzido à Ilha das Cobras (RJ). Embora tenha permanecido preso por pouco tempo, sua recusa em obedecer a uma ordem do presidente legalmente eleito não passou impune. Assim, tivemos um contra-almirante preso em nossa história. Ah os precedentes históricos!

Custódio José de Mello é lembrado como um militar dedicado e um homem de princípios, que lutou pelo que acreditava ser o melhor para o Brasil, mesmo que suas ações tenham levado a confrontos diretos com o governo. Sua trajetória ilustra as tensões e os desafios enfrentados pela jovem República brasileira na busca por estabilidade e legitimidade.

As trajetórias dos dois militares, Custódio de Mello e Braga Netto, são marcadas pelos bons serviços prestados à nação, mas se separam pelas razões de suas prisões. Resguardadas as devidas proporções e eventos, as ações de um estão sob o exemplo do outro. Braga está sob Custódio, porém, enquanto o primeiro foi preso por suas ações (recusar uma ordem legal e direta de seu superior), o segundo foi preso pelo que supostamente pretendia fazer (mas nunca chegou a realizar). Em ambos os casos, buscavam defender, e não atentar contra o Estado democrático de direito. Eis que temos à nossa frente um Brasil de histórias dignas de uma pintura de Salvador Dalí: histórias surreais.

"A liberdade nunca está a mais de uma geração de sua extinção. Não a transmitimos aos nossos filhos pelo sangue. Devemos lutar por ela, protegê-la e entregá-la a eles para que façam o mesmo." (Ronald Reagan, 40º presidente dos Estados Unidos).

Existe mesmo Papai Noel?



A pergunta ecoa por gerações, carregada de curiosidade e um toque de magia. Papai Noel, aquele bondoso velhinho de barba branca e traje vermelho, realmente existe? Talvez a resposta não seja tão simples quanto parece.

A figura de Papai Noel tem suas raízes na história de São Nicolau, um bispo cristão que viveu no século IV na região da atual Turquia. São Nicolau era conhecido por sua generosidade e bondade, ajudando os pobres e necessitados. Uma das histórias mais famosas sobre ele conta que ele presenteou secretamente três irmãs com dotes para que elas pudessem se casar, jogando sacos de ouro pelas janelas abertas.

Essa reputação de generosidade fez de São Nicolau um santo muito venerado, especialmente na Europa. Com o tempo, suas histórias e lendas foram combinadas com tradições locais, transformando-se na figura alegre e mágica que conhecemos hoje como Papai Noel.

A imagem de Papai Noel foi se transformando ao longo dos séculos. Nos séculos XVII e XVIII, os imigrantes holandeses trouxeram para a América do Norte a tradição de "Sinterklaas", uma celebração de São Nicolau que eventualmente se fundiu com outras tradições europeias. No século XIX, a imagem moderna de Papai Noel começou a se consolidar com a ajuda de escritores e artistas.

Clement Clarke Moore, com seu poema "A Visit from St. Nicholas" (também conhecido como "The Night Before Christmas"), descreveu Papai Noel como um homem alegre e rechonchudo que viajava em um trenó puxado por renas. As ilustrações de Thomas Nast no final do século XIX também

Juliette Oliveira

desempenharam um papel importante, solidificando a imagem do velhinho de barba branca e roupa vermelha.

Na década de 1930, a campanha publicitária da Coca-Cola, com ilustrações de Haddon Sundblom, ajudou a popularizar ainda mais a imagem de Papai Noel como o conhecemos hoje. Essas campanhas mostravam um Papai Noel caloroso e amigável, vestindo o característico traje vermelho, que se tornou icônico.

Acreditar ou não em Papai Noel é uma decisão pessoal, um reflexo do que cada um carrega em seu coração. Crianças o veem com olhos brilhantes, acreditando em sua chegada pelas chaminés ou pelas janelas abertas. Adultos, por outro lado, podem vê-lo como uma metáfora para o espírito de dar e compartilhar. Em cada presente deixado debaixo da árvore, em cada gesto de bondade, ele vive. Papai Noel existe na medida em que permitimos que a magia do Natal floresça dentro de nós.

Todos nós podemos ser um pouquinho Papai Noel na vida dos nossos irmãos. O espírito de Papai Noel está em cada gesto de generosidade, em cada ato de bondade e em cada oportunidade que criamos para ajudar os outros a prosperar. Ser um Papai Noel não se resume a dar presentes, mas a oferecer suporte e criar oportunidades para que as pessoas possam alcançar uma vida melhor. Ensinar, apoiar e proporcionar meios para que alguém saia da pobreza é uma verdadeira forma de ajuda.

Uma ajuda é bem-vinda para se ter um impulso, mas viver da ajuda não leva ninguém a progredir. A verdadeira ajuda é aquela que empodera, que oferece condições para que cada pessoa possa se levantar e caminhar com suas próprias forças. É sobre dar oportunidades e inspirar a busca por um futuro melhor.

Mas o Natal não é sobre Papai Noel. No coração dessa celebração, está o nascimento de Jesus Cristo. Para os lares cristãos, o Natal é um momento de reflexão, gratidão e celebração pela vinda do Salvador. É uma época de união familiar, de lembrarmos do amor incondicional e do sacrifício que Jesus representa. A beleza do Natal reside em sua capacidade de unir diferentes crenças e tradições, celebrando a paz, o amor e a esperança.

Cristo deve nascer sempre em nossas vidas. Ele foi tão importante que contamos nossos anos com base no seu nascimento e vida. O espírito cristão nos convida a sermos luz e esperança para os outros, exatamente como Jesus nos ensinou.

Então, quando se questiona a existência de Papai Noel, talvez a verdadeira resposta esteja na magia que sentimos ao compartilhar amor e bondade. É um convite para acreditar no impossível, para permitir que o espírito do Natal toque nossos corações e nos lembre do verdadeiro motivo dessa época especial: Jesus.

Um excelente Natal e um ótimo 2025!

Edson Araujo

Entrevista com Thais Morão

Como a Reprogramação Quântica Celular pode transformar a sua saúde física

Apresentação

Eu sou [Thais Morão](#), Mentora de Inteligência Espiritual e Autocura, Terapeuta de Reprogramação Quântica Celular, Integrante do Instituto de Saúde Integrativa de Botucatu, Comunicadora Social, Palestrante, Apresentadora do Programa Saúde e Espiritualidade pela Chai Brasil (canal 04 da Claro TV), Ex-Apresentadora do Quadro Vida Leve na Rádio 107.1 de Pindamonhangaba, Estudiosa das Práticas Integrativas no Tratamento do Câncer e curada do Câncer de Mama por duas vezes.

Imagine uma vida plena, onde o corpo funciona em perfeita harmonia, livre de dores ou doenças, e a mente está em paz, guiada por emoções elevadas como amor incondicional, alegria e gratidão. Uma existência em que você tem total domínio sobre suas reações, age com consciência plena em cada escolha e sente uma profunda conexão com sua essência divina, experimentando a unidade com o Todo. Esse estado ideal de saúde e equilíbrio não é apenas um sonho distante, mas uma possibilidade concreta para aqueles que buscam alinhar corpo, mente e espírito.

No entanto, alcançar essa plenitude pode ser desafiador em um mundo onde emoções negativas, como medo, raiva, culpa e tristeza, são tão frequentes. Essas emoções, muitas vezes acumuladas ao longo de anos, não apenas afetam o bem-estar mental, mas também desequilibram o corpo físico, criando condições propícias para dores e doenças. Estudos e práticas terapêuticas mostram que a raiz de cerca de 95% dos problemas de saúde está nesses estados emocionais e em padrões energéticos disfuncionais que, se não tratados, comprometem o funcionamento celular e o sistema imunológico.

A Reprogramação Quântica Celular surge como uma técnica poderosa para restaurar esse equilíbrio e ajudar o indivíduo a se reconectar com sua verdadeira essência. Baseada em princípios da física quântica e espiritualidade, essa abordagem foi canalizada por Wallace Lima e Evelyne Carvalho, e atua no campo vibracional das células, corrigindo frequências energéticas prejudicadas por emoções negativas e traumas. Ela permite que o corpo retome seu estado natural de harmonia, promovendo a regeneração celular, fortalecendo o sistema imunológico e criando as condições para uma saúde perfeita.

Segundo a escala de níveis de consciência de David Hawkins, estados como vergonha, medo e raiva vibram em frequências baixas que contraem o “eu”, impedindo a pessoa de acessar sua verdadeira potência e conexão espiritual. Essas frequências mais densas, além de promoverem o surgimento de doenças, aprisionam o indivíduo em padrões de sofrimento e desconexão com o Todo. A Reprogramação Quântica Celular trabalha para liberar essas cargas densas e elevar o indivíduo a frequências mais altas, associadas a emoções como amor, paz e alegria. Esse realinhamento energético não apenas transforma a

Edson Araujo

saúde física, mas também amplia a consciência e a percepção de si mesmo e do mundo, alterando assim suas respostas ao meio.

Essa abordagem oferece um caminho não apenas para a cura, mas também para a prevenção. Muitas doenças surgem após anos de acúmulo de emoções negativas que se tornam verdadeiras “programações” no corpo. Com a Reprogramação Quântica Celular, esses desequilíbrios podem ser tratados antes de se manifestarem como sintomas físicos. Ao eliminar padrões energéticos e emocionais disfuncionais, o indivíduo passa a viver em maior equilíbrio e conexão, experimentando uma saúde mais estável e uma mente mais tranquila.

Além disso, essa técnica ajuda a desenvolver uma maior consciência corporal e emocional. Durante o processo, muitos pacientes relatam uma sensação de alívio, clareza mental e maior conexão com sua essência divina. Essa reconexão não apenas promove a saúde, mas também fortalece o indivíduo para lidar com desafios do dia a dia, mantendo-se centrado em suas escolhas e alinhado com sua verdadeira natureza.

Outro benefício significativo da Reprogramação Quântica Celular é seu impacto no autoconhecimento. Ao libertar o indivíduo de padrões vibracionais negativos, a técnica permite que ele acesse níveis mais profundos de consciência e sabedoria interna. Isso abre caminho para um estado de vida mais alinhado com valores elevados, promovendo não apenas o bem-estar físico, mas também uma existência marcada por propósito, paz e realização pessoal.

Embora a Reprogramação Quântica Celular seja relativamente nova para muitos, sua popularidade vem crescendo entre aqueles que buscam alternativas mais holísticas e menos invasivas para tratar doenças e promover o equilíbrio. Ela é vista como um complemento valioso às terapias convencionais, atuando de forma integrada para tratar a causa raiz dos problemas, e não apenas os sintomas.

Ao reconectar o corpo, a mente e o espírito em um fluxo harmônico, essa técnica oferece a oportunidade de viver em um estado de saúde ideal, baseado no amor, na consciência e na unidade com o Todo. Para aqueles que desejam transformar sua relação com a saúde e a vida, a Reprogramação Quântica Celular pode ser um caminho revolucionário para a cura integral e a plenitude.

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS!

www.revistaconhecimentoecidadania.com



[Canal whatsapp Revista Conhecimento & Cidadania](#)



revistaconhecimentocidadania@gmail.com



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@revistaconhecimentocidadania](#)



[@RevConhecimento](#)



<https://www.vakinha.com.br/4961006>



[@RevistaConhecimentoCidadania](#)



[Revista Conhecimento & Cidadania](#)

REVISTA

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania



